

OPINIÃO

Afeganistão, terra esquecida e faminta

Por **Andrés Ferrari Haines** e **Debora Volker F. Avelino** / Publicado em 16 de março de 2022



Foto: Andrew McConnell/ Acnur

“Estima-se que 95% dos afegãos não têm o suficiente para comer, e quase 9 milhões correm o risco de passar fome – incluindo 1 milhão de crianças”

Foto: Andrew McConnell/ Acnur

A Alta Comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, **Michelle Bachelet**, acaba de alertar que questões humanitárias e econômicas no Afeganistão provavelmente vão causar mais mortes no país do que as próprias décadas de conflitos e guerras entre 2001 e 2021, nas quais os Estados Unidos gastaram mais de **US\$ 2,2 trilhões**.

Em janeiro, as Nações Unidas lançaram “o maior apelo por ajuda a um único país em sua história”. A organização pede mais de US\$ 5 bilhões para o Afeganistão. Isso foi reforçado pela Diretora executiva da Unicef **Catherine Russel**, a qual relatou que 60% da população do país sofre “fome aguda”, constituindo “a maior crise humanitária do mundo.”

Estima-se que **95% dos afegãos** não têm o suficiente para comer, e quase 9 milhões correm o risco de passar fome – incluindo 1 milhão de crianças.

Para piorar, a situação se agravou após uma forte seca e ocorrência de baixas temperaturas, além de que as **sanções** contra o governo talibã impedem o **auxílio** ao país.

“As crianças estão morrendo congeladas ou de fome diante de nossos olhos; **país vendendo seus rins**; mães vendendo seus bebês, tudo em uma tentativa desesperada de alimentar aqueles que ainda estão vivos” declarou dramaticamente o ex-primeiro-ministro do Reino Unido, **Gordon Brown**

(2007-2010), sobre o país que chamou de “terra esquecida”.

Parem de matar de fome o Afeganistão!

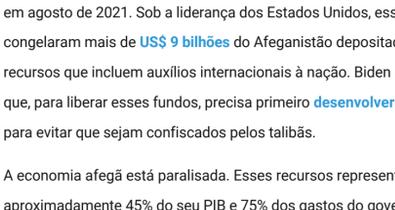


Foto: S. Omer Sadaat/ Pnud

“Sob a liderança dos Estados Unidos, países ocidentais congelaram mais de US\$ 9 bilhões do Afeganistão depositados no exterior, recursos que incluem auxílios internacionais à nação”

Foto: S. Omer Sadaat/ Pnud

dramaticidade com a abrupta **saída** dos países ocidentais do Afeganistão em agosto de 2021. Sob a liderança dos Estados Unidos, esses países congelaram mais de **US\$ 9 bilhões** do Afeganistão depositados no exterior, recursos que incluem auxílios internacionais à nação. Biden argumentou que, para liberar esses fundos, precisa primeiro **desenvolver mecanismos** para evitar que sejam confiscados pelos talibãs.

A economia afegã está paralisada. Esses recursos representavam aproximadamente 45% do seu PIB e 75% dos gastos do governo afegão.

Sem esse dinheiro, ficou impossível custear os **funcionários do governo**.

Em especial, foi afetado o setor de **saúde**. Milhares de unidades foram forçadas a fechar e, em consequência, a maioria dos afegãos perdeu o acesso aos cuidados de saúde. Algumas **estimativas** afirmam que três de cada quatro afegãos carece de atenção médica.

O argumento usado para congelar os recursos afegãos foi o de evitar fortalecer os talibãs, que retomaram o poder no país após a retirada dos ocidentais. Os Estados Unidos, por sua vez, **não reconhecem** a legitimidade do novo governo.

É por essa razão que pedidos de ajuda advindos das Nações Unidas e outros organismos ainda não foram atendidos. Como explicou em dezembro do ano passado o ex-embaixador dos EUA no Afeganistão, **P. Michael McKinley**, “qualquer assistência expandida ao Afeganistão corre o risco de ser acusada de consolidar o Talibã no poder e enfraquecer a capacidade para influenciar seu comportamento”.

Em dezembro, num artigo na *Foreign Affairs*, o especialista em Afeganistão do *International Crisis Group*, **Graeme Smith** exclamou: “parem de matar de fome ao Afeganistão”.

Um ato de crueldade

A situação ganhou dramaticidade, pois **Biden** decidiu recentemente que apenas metade dos US\$ 7 bilhões afegãos, congelados nos EUA, será destinada ao país. No entanto, esses recursos apenas serão liberados após o governo dos Estados Unidos encontrarem **mecanismos** para que cheguem ao povo afegão, sem que eventualmente possam cair nas mãos dos talibãs.

Pela situação desesperadora, teme-se que milhões morram antes da chegada desses recursos.

Contudo, o que causou ainda mais controvérsia foi a decisão de Biden referente ao destino dos outros US\$ 3,5 bilhões, destinados a compensar famílias das vítimas do atentado de 11 de setembro de 2001, que entraram nas cortes de justiça dos Estados Unidos contra os talibãs e outros grupos terroristas.

Uma **decisão judicial** de 2012 responsabilizou os talibãs pela morte de seus parentes. Quando, em agosto, o grupo retomou o poder no Afeganistão, vários desses familiares reclamaram a **legalidade** da utilização desses recursos congelados pelos Estados Unidos, a fim de executar a compensação econômica da referida decisão judicial.

A ação de Biden é extremamente polêmica à medida em que justifica a apropriação do dinheiro com o fato de o Talibã ter tomado o poder. **Torek Farhadi**, ex-consultor financeiro da nação, declarou que “essas reservas pertencem ao povo afegão, não ao Talibã... A decisão de Biden é unilateral e não condiz com a lei internacional”. **Graeme Smith**, consultor do Grupo Internacional de Crise, afirma que essa decisão está castigando o país inteiro, “levando dezenas de milhões de afegãos à fome”.

Na capital do Afeganistão, **Cabul**, houve grandes manifestações contra a medida de Biden, nas quais foi expressada a ideia de que os afegãos não tiveram nada a ver com os ataques de 11 de setembro. Pelo contrário, demandaram que os Estados Unidos compensem financeiramente o país pelas centenas de milhares de afegãos mortos pela guerra e ocupação nas duas últimas décadas. Para um **afegão**, esta situação se trata de “um ato cruel e uma traição aos direitos do povo”.

O primeiro presidente do Afeganistão sob domínio estadunidense, **Hamid Karzai**, chamou a apropriação dos recursos de ato “injusto”, dizendo que os afegãos também foram vítimas do líder da Al-Qaeda, Osama bin Laden. O único vínculo que Bin Laden teve com os talibãs foi o de se negaram a entregá-lo aos Estados Unidos. **Ihlan Omar**, deputada estadunidense, condenou a decisão de Biden, declarando que não havia um “único afegão” no atentado de 11 de setembro.

Dentro do seu próprio país, Biden foi também duramente criticado. **Kathy Kelly**, do *Truthout* afirmou que “os EUA devem reparações ao Afeganistão” e não “levar mais fome”, enquanto **Chris Gelardi**, no *The Nation*, afirmou que “Biden se sente bem com a morte de civis em massa” e que a decisão “é um exemplo notável da capacidade de brutalidade do seu governo”.

“A América está de volta”?

A decisão é “imoral e



Foto: Atlantic Council/ Divulgação

Kempe ou o russo Patrushev, oficial do Serviço Federal de Segurança (ex-KGB): “os ucranianos não deveriam confiar nos americanos, porque um dia eles o abandonaríamos, assim como fizeram no Afeganistão”

Foto: Atlantic Council/ Divulgação

desumana”, afirmou **Jacob Silverman** do *The New Republic*. “Biden assumiu o cargo prometendo restaurar a posição da América no mundo”, relembrou Silverman, concluindo que “roubar bilhões de dólares de algumas das pessoas mais pobres do mundo é uma maneira estranha de cumprir essa promessa”.

De fato, o movimento estadunidense causou um grande desconforto internacional. A **China** tratou a decisão do Biden diretamente como uma “conduta de bandidos” que exacerba o sofrimento dos afegãos causado pela ação dos Estados Unidos, em vez de assumir a “sua devida responsabilidade pelo Afeganistão para aliviar a crise humanitária no país”.

Escrevendo no momento após a repentina retirada do Afeganistão por parte de Washington, em agosto, **Frederick Kempe**, presidente do tradicional *think-tank* estadunidense *Atlantic Council*, alertou que “o desastre no Afeganistão ameaça a mensagem ‘A América está de volta’, de Biden aos aliados”. Para ele, o abandono da democracia afegã por parte do Biden pode significar um ponto de reflexão, onde aliados passem a duvidar de suas alianças com os EUA.

Kempe citou a Nikolai Patrushev, principal conselheiro de segurança nacional de Vladimir Putin, que afirmou: “a certa altura, a Casa Branca pode nem se lembrar de seus apoiadores em Kiev”. Isto pois, segundo Kempe, Patrushev declarou que os ucranianos não deveriam confiar nos americanos, porque um dia eles o abandonaríamos, assim como fizeram no Afeganistão.

Para Kempe, Biden deve deixar claro o significado da sua *América está de volta* “por meio de ações, não apenas retórica”.

Andrés Ferrari Haines é professor Associado do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da Ufrgs. Pesquisador do Nebrics.

Debora Volker é graduanda em Letras da Universidade Federal Fluminense.

COMPARTILHE:



direitos humanos	opinião	Instagram	Afeganistão
Andrés Ferrari Haines	Debora Volker	direito internacional	
crise humanitária			

Comentários

Notícias relacionadas

21 de setembro de 2022

Brileide Kalowé na ONU: Brasil promove derramamento de sangue indígena

16 de setembro de 2022

Todas as mulheres de Bolsonaro

8 de setembro de 2022

Eleições e a exploração predatória do agronegócio e da mineração

5 de setembro de 2022

Educação e democracia ou a barbárie?

EXTRA CLASSE

Jornalismo além da superfície

Realização:

O Jornal

- Quem Somos
- Prêmios
- Edições Impressas
- Anuncie
- Fale Conosco

Editorias

- Últimas notícias
- Política
- Educação
- Economia
- Movimento
- Cultura
- Opinião
- Saúde
- Humor
- Ambiente
- Justiça

Newsletter

Cadastre-se para receber os informativos do Jornal Extra Classe

E-mail

CADASTRAR